

UM ENSAIO SOBRE A LIBERDADE: UM DIÁLOGO ENTRE AS CONCEPÇÕES FREIREANAS E DEWEYANAS E A BUSCA PELA EDUCAÇÃO COM BASES DEMOCRÁTICAS

Jefferson Melo da Silva ¹
Marlúcia Menezes de Paiva ²

RESUMO

A educação se articula mediante os moldes tomados pela sociedade ou a educação é parte integrante da sociedade e, por isso, alicerce das mudanças? Com esse questionamento é que o presente estudo busca, através de uma discussão teórica, de cunho bibliográfico, articular uma análise a partir das teorias do filósofo da educação John Dewey, o qual vislumbra uma educação para a vida, na qual a escola articule a teoria e a prática na função de ensinar e do filósofo educacional brasileiro, Paulo Freire, o qual aponta para instrumentos de mudanças sociais de cunho crítico, tendo em vista a articulação entre educação e política nas salas de aula, formando assim, sujeitos aptos e responsáveis socialmente. Com este diálogo, busco interpretar os avanços que a educação pode promover no Estado, assim como, organizar uma aproximação teórica valorosa, com obras, as quais, apesar de não escritas na atualidade, tornam-se tão atuais quanto este estudo.

Palavras-chave: John Dewey, Paulo Freire, Educação social, Democracia, Liberdade.

INTRODUÇÃO

Os pressupostos que articulo na construção deste ensaio, permeiam o campo da educação como instrumental necessário para o futuro democrático de uma nação, a educação enquanto formadora do sujeito, o qual deve trilhar-se entendendo de sua contribuição na formação da cultura social.

Dentre os diversos pensadores e seus fundamentos teóricos norteadores, aqui me debruço em realizar um diálogo entre as concepções e práticas educativas de Paulo Freire (1921-1997) e das noções filosóficas de John Dewey (1859-1952), os quais, vivendo em épocas e continentes diferentes observaram e relataram transformações sociais, as quais inquietaram o senso crítico dos autores, que viram na educação os mecanismos necessários para a estruturação de uma sociedade politicamente consciente e educada.

Por projeto educacional de êxito, Dewey aponta que, “O objetivo da educação não é permanecer no passado, tampouco construir utopias, mas tornar os estudantes conscientes do

¹ Graduando do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, E-mail: jefetson70@gmail.com;

² Orientadora: Professora Doutora em História da Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, E-mail: mmarlupaiva3@gmail.com.

mundo onde vivem” (LICHTNER, 2009 apud NASCIMENTO E FAVORETO, 2018, p. 258), desse modo, entendemos na concepção do autor uma ânsia de educar para a edificação do homem consciente, aquele que está na sociedade interagindo, atuando e modificando-a.

De encontro a esta linha de pensamento, surgem as concepções Freireanas no Brasil, quando em meados dos anos de 1930 a 1960, no auge das revoluções sociais, quando o povo estava em ascensão na busca pelo direito de voto, quando a sociedade estava afundada nos males do analfabetismo e os governantes apenas reforçavam discursos sem nexos e cheios de demagogia e a escola apenas reproduzindo os moldes sociais, quando na verdade o que devemos compreender é que todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado a tomada de consciência da situação real vivida pelo educando Freire (1967), convergindo com o discurso da conscientização do povo, o qual necessita entender sua vivência no mundo e tomá-la enquanto direito seu.

Partindo desse entrelace de ideias, o diálogo aqui realizado entre os dois autores se desenvolve a partir de uma revisão bibliográfica, a qual busca analisar de maneira qualitativa as falas dos teóricos e confrontá-las com um panorama atual de sociedade, mantendo sempre a cautela para que não seja cometido nenhum tipo de pensamento anacrônico, tendo em vista que os moldes sociais são outros e que as informações tomam um fluxo mais versátil de difusão e apropriação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia tomada para a construção deste estudo foi a revisão bibliográfica, tendo em vista que se trata de uma discussão teórica, de cunho interpretativo, adentrando nas bases filosóficas dos autores estudados.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 apud GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 37).

Após o levantamento da bibliografia necessária ao estudo, tomei mão da natureza de pesquisa qualitativa, como meio para interpretar e compreender as estruturas sociais e educativas nas leituras realizadas.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58 apud GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 37).

A análise dos escritos me possibilitou refletir o cotidiano escolar e suas práticas, tanto nas décadas descritas por John Dewey, no artigo, *Émile Durkheim, John Dewey e Antônio Gramsci: em debate a teoria da educação transformadora*, dos autores, Lorivaldo do Nascimento e Aparecida Favoreto, além do livro, *Vida e Educação*, traduzido por Anísio Teixeira (1978) e das ideias de transformação e mudança descritas por Paulo Freire, no livro, *Educação como prática da liberdade* (1967).

Desse modo, vale ressaltar que os caminhos da pesquisa bibliográfica são de conhecimento comum, tendo em vista que qualquer que seja o estudo realizado se fará necessário esse encontro com a leitura e com o aporte teórico, a fim de fundamentar e defender suas ideias.

Desse modo, o aparato metodológico escolhido me possibilitou o encontro entre a interpretação das falas e a compressão dos contextos, a fim de assegurar à pesquisa um caráter mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

DESENVOLVIMENTO

Observar as estruturas da sociedade em suas mais amplas dimensões de construção afetiva, política, social e histórica requer de qualquer pesquisador uma visão diferenciada do que seja a vida humana e suas constantes modificações de pensamentos e concepções.

Para Dewey (1978), a atividade educacional não acontece do acaso, tendo em vista que, a tarefa de educar não se processa no vácuo, independente de objetos ou condições, ela surge de um meio e se processa com uma finalidade.

Desse modo, educar para (DEWEY, 1978, p. 17) é visto como, “o processo de reconstrução e reorganização de experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras”, mas, para entendermos essa ideia de educação como resultado da constante construção e reconstrução das experiências, precisamos antes entender o que o autor trata como experiência.

De conformidade com Dewey (1978) compreendemos e defendemos que, o agir sobre o outro corpo e sofrer de outro corpo uma reação é, em seus próprios termos, o que chamamos

de experiência e, nesse sentido, a interação do sujeito com os demais sujeitos é o ponto chave desses experimentos, como aborda Marx, nada mais é que “a vida real” e suas infinitas possibilidades de criar e recriar-se é, “agir sobre o outro corpo e sofrer de outro corpo uma reação”.

Nesse patamar das experiências, Dewey (1978) aponta para uma atribuição de significados, a fim de que toda tarefa educativa tenha sentido na vida humana e para isso, o autor aponta que essa significação das experiências só ocorrem quando complementadas com “percepção, com análise, com pesquisa”, levando os sujeitos a alcançarem o conhecimento.

Compreendo então que, o ato de educar não se resume a uma mera atribuição de tarefas vazias, ou como trata o autor, uma educação ‘livresca’ ou com aponta Freire (1967), uma educação ‘palavresca’, aquela cuja única função é a reprodução das palavras, muitas vezes impostas pelo adulto sem a menor preocupação de saber sequer se faz parte do meio social dos educandos.

Quando ocorre no processo educativo esse distanciamento entre a prática da vida e aquilo que é apresentado pela escola, acaba ocasionando uma série de experiências não conscientes, as quais os sujeitos não entendem por que a executam, não ousam questionar pois são passíveis a esse amotoado de conteúdos e acabam por se adaptarem a essa forma de exposição, desse modo, Dewey (1978) aponta que um dos riscos que essa dissociação pode causar é, “autorizar a suposição de que se ministra educação ou instrução pro processos puramente passíveis de ensino”, quando de fato sabemos que não é assim que se alcança o êxito educacional.

“Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem”. (DEWEY, 1978, p. 17) Aqui percebemos o sentido de educar para o autor, ele eleva o desenrolar educativo a um patamar de sentido da vida, se não nos preparamos para viver e estamos em constante processo de vida, por que é que estaríamos nos preparando para aprender se a vida é puramente um processo de constante aprendizado?

São questionamentos como esse que fazem da teoria de John Dewey um fecundo solo para a ampliação da visão educacional e foi nesse sentido que Freire, em sua teoria, aponta pensamentos filosóficos do autor para reforçar suas ações nos ciclos de cultura, os quais tinham a função de educar o trabalhador, o sujeito das classes populares, aquele cuja vida era farta de experiências, as quais precisavam ser levadas em consideração pelo ato de educar.

“As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corporais e incorpóreas) apresentam características que as destiguem dos puros contatos, típicos de outra esfera animal”, o homem existe e está para além dos instintos inatos da espécie humana, para que o mesmo cresça e desenvolva enquanto sujeito de sua espécie se faz necessário interagir, tendo em vista que, “existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existeres” (FREIRE, 1967, p. 39).

A proximidade entre as duas teorias estudadas, se dá mediante visão dos autores voltada à necessidade de uma evolução do sistema social, ambos acreditavam que a educação seria o viés de passagem para que a sociedade se modificasse, ampliando suas concepções, construindo um mundo mais crítico, pautado na pesquisa, na inquietação, na utilização dos saberes da vida e para a vida, defendendo que o homem é sujeito de mudanças que ocorrem no tempo e no espaço e não apenas mero produto delas. “O homem existe no tempo. Está dentro. Está fora, Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” (Freire, p. 41).

O homem é sujeito de seu aprendizado e faz isso mediante organização e reorganização de experiências, o sujeito nasce e experimenta o mundo a sua volta de maneira livre, constrói percepções mediante as interações que sofre dos demais sujeitos (família) a sua volta, no entanto, a necessidade de interagir com o meio é o que faz avançar nessa incessante cadeia de organização mental das aprendizagens.

Diante desse limiar da liberdade humana em experimentar o mundo a sua volta e interagir com ele, Freire aponta que, “quando retirada essa liberdade do homem, ele torna-se um ser meramente ajustado ou acomodado”, acomodação essa que não se enquadra em uma sociedade de mudanças.

O encontro de uma pedagogia que venha a ter o caráter de alcance democrático, precisa ser concebida no seio da democracia, precisa entender que os sujeitos são ativos do processo, a partir deles e para eles é que as mudanças surgem, reconhecer a sala de aula enquanto campo de trocas e jamais de imposições, para isso, Freire coloca que se faz necessário,

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias (FREIRE, 1967, p. 89-90).

Educação formal que, articulada ao cotidiano do sujeito lhe proporcionasse uma leitura da sociedade na qual estava atuando e entendesse os problemas, a origem deles e as possíveis

soluções. Uma educação que não se isolasse das críticas sociais, mas que as discutisse conforme fosse necessário, a fim de desalienar da mera repetição de palavras soltas e metodologias de treinamentos desgastantes, tendo em vista que, “o treino nos leva apenas a certa conformação externa com hábitos e práticas de cujo sentido não participamos integralmente” (Dewey, 1978).

Diante disso compreendo que, educar para o avanço da democracia é mais que uma mera utopia filosófica ou algum jogo metodológico lançado ao vazio, o processo de ensino democrático precisa estar alicerçado de sentidos, com os quais os sujeitos possam compreender suas funções sociais e suas responsabilidades com o contexto no qual estão inseridos e assim alterá-los com autonomia e liberdade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ambos autores apontam para uma direção de mudança, cuja educação necessita de sentido, rompendo assim com a sistemática de engessamento metodológico, a qual tem feito da escola um organismo a parte da sociedade, sendo que a realidade não é essa, tendo em vista que a instituição escolar tanto recebe interferências externas quanto pode contribuir para que os seus sujeitos interfiram no mundo.

Para Dewey (1978, p. 24), “Não há, pois, nenhum meio de controlar ou governar a educação que a geração infantil recebe, salvo o de preparar o ambiente em que a criança age, pensa e sente”, nese sentido, o autor aponta para a organização que a própria instituição familiar faz para que a criança se eduque dentro daquela cultura social, na escola não deve ser diferente, os educandos precisam encontrar um aparato social, moral e educativo, com o qual possam refletir suas ações dentro da sociedade, a qual Freire (1967, p. 88) aponta como, “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”.

O imbricamento das teorias Deweyanas e Freireanas se dá de maneira intensa quando ambos trazem uma leitura social da época na qual escreveram e inserem a escola como espaço capaz de refletir aquele contexto e modificá-lo positivamente.

Dewey apresenta uma escola, na qual, resumidamente as crianças precisam encontrar um ambiente simplificado, um meio purificado, no qual estejam eliminados os aspectos sociais maléficos e que seja um espaço de integração social, de harmonização de conflitos e de tolerância, com isso a escola na concepção Deweyana teria o status de “instituição ordinária”.

Freire (1964), diante de sua concepção teórico crítica, nos aponta que a educação encontrava-se seguindo em direção errada, tendo em vista que,

Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não

trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para pensar autêntico, por recebermos fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora por que a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção (FREIRE, 1964, p.96-97).

Nesse sentido, o educando é reduzido a mero recipiente de conteúdos e fórmulas prontas, as quais não reflete, não questiona, não pesquisa, não sai de sua zona de conforto e ali permanece inóspito aderindo a tudo que lhe for lançado. Tínhamos ou ainda temos, uma educação que se afasta da realidade dos sujeitos, a qual segue padrões enraizados pelas tendências conservadoras reproduzidas a anos, as quais já deixaram claro que não atendem as expectativas dos sujeitos, pelo contrário, os desmotiva a continuar o processo de escolarização e conseqüentemente lançam na sociedade indivíduos sem o mínimo de senso crítico.

Dewey (1978, p. 27) coloca que, “o que é aprendido, sendo aprendido fora do lugar real que tem na vida, perde com isso seu sentido e seu valor”. Diante disso Freire (1964, p. 104), acreditava “numa alfabetização que, por isso mesmo tivesse o homem, não esse paciente do processo, cuja virtude única é ter paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem [...]”, um processo de ensino o qual não se faça necessário afastar os sujeitos de sua vida, do seu trabalho, daquilo que eles vivenciam no dia a dia, seria então o caminho para a escola democrática.

A educação não acontece como uma doação, de cima para baixo, como bem coloca Freire (1964), ela deve acontecer de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador, nesse sentido, os méritos das concepções de Dewey (1978) se dão mediante o equilíbrio entre educação tácita e não formal recebida diretamente da vida, e a educação direta e expressa das escolas, desse modo, ambos os autores convergem em compreender que a vida ensina, os meios e experiências são fontes de aprendizados, à escola lhe resta organizar esses saberes e aos educadores cabe o papel de mediar e jamais impor.

Quando a criança ou o adulto encontram na escola esse ambiente favorável e construído com bases democráticas e participativas, alimentam no seu interior a ânsia por reproduzirem isso nos seus espaços de vivências, seja na família, no trabalho, no sindicato, no conselho comunitário do qual participa, enfim, a escola é um campo fértil de possibilidades, o qual atende crianças, jovens e adultos, desse modo, precisa se organizar de tal modo que esses sujeitos compreendam o sentido do que lhes é apresentado e entendam que aquilo serve para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de educar não é isento, não surge do vazio e não se dirige ao nada, ele surge a partir de, e com objetivos, os quais precisam ser alcançados para que possamos, de fato, compreender que os sujeitos conquistaram o aprendizado.

A vida ensina em suas mais diversas dinâmicas sociais, os sujeitos são bombardeados de conhecimentos a todo instante, no entanto, os saberes não são organizados de maneira a atender objetivos claros, muitas vezes o indivíduo que não sabe ler, consegue simplesmente pegar um ônibus ou encontrar algum endereço pelos simples fato de que existem outros meios de se alcançarem resultados, no entanto, o domínio da leitura facilitaria esse processo e é essa concepção que precisamos que a sociedade tenha da educação, como algo que está na vida e a torna mais fácil.

Do mesmo modo, aponto que, a criança ao nascer é estimulada pela família a expressar suas primeiras palavras, a andar, a comer, mas tudo aquilo é parte de experiências sociais, as quais só fazem sentido por que aquele meio na qual está inserida lhe incentiva a tais ações, se retirada dessa organização cultural a criança irá se adaptar a outro contexto de inserção, com isso, atento para a importância das interações na aprendizagem.

Com o processo democrático não é diferente, se a escola apresenta a seus indivíduos um ambiente participativo, de conscientização de suas responsabilidades, que entenda as experiências externas que os sujeitos trazem e os faça se reconhecerem enquanto produtores de cultura, assim irá ser também a sociedade, tendo em vista que existirá a difusão do que foi aprendido com significação.

REFERÊNCIAS

DEWEY, John. **VIDA E EDUCAÇÃO**. Tradução: *The Child and The Curriculum*. Anísio Teixeira. Comp. Melhoramentos – São Paulo, 10ª edição, 1978.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para liberdade**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NASCIMENTO, Lorival do. FAVORETO, Aparecida. **Émile Durkheim, John Dewey e Antônio Gramsci: em debate a teoria da educação transformadora**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 56, n. 49, p. 250-273, jul./set. 2018.